Correio da Manhã

Ano CXXV - Nº 25.136



Claudia Ribeiro/Divulgação

#cm2 QUARTA-FEIRA

O TERROR DO SUBÚRBIO

Tuca Andrada vive o bicheiro mítico de Nelson Rodrigues em nova montagem de "Boca de Ouro", dirigida por Sergio Módena, **em cartaz até o dia 22 no Sesc Copacabana.** Na peça de 1959, **uma ex-amante conta três versões contraditórias da vida e da morte do "Drácula de Madureira"** — e nenhuma delas chega à verdade. Página 2

A verdade tem **dentes de ouro**

Tuca Andrada brilha no papel do bicheiro mítico de Nelson Rodrigues, nova montagem de 'Boca de Ouro', com direção de Sergio Módena

Claucia Ribeiro/Divulgação



A trajetória e traços da personalidade mudam ao sabor do estado de espírito da ex-amante do contraventor em seus relatos

Em cartaz na Arena do Sesc Copacabana, a nova montagem de "Boca de Ouro", de Nelson Rodrigues, tem Tuca Andrada na pele do bicheiro mais célebre da dramaturgia brasileira. O personagem nasceu do sendo cronista de Nelson. Segundo o relato do biógrafo Ruy Castro, um pernambucano da linha do ônibus que Nelson tomava todos os dias para visitar a mãe exibia, ao chegar ao ponto final, em Laranjeiras, os vinte e sete dentes de ouro — "Pode contar, um por um! E não é coroa, é maciço! Ouro 24!". O dramaturgo somou esse material ao bicheiro real Arlindo Pimenta e escreveu, em 1959, a peça sobre as muitas versões da trajetória do personagem-título.

Nesta encenação, depois de o "Drácula de Madureira" ser encontrado morto na sarjeta, sem seus famosos dentes de ouro, o repórter Caveirinha (Jessé Scarpellini), do jornal "O Sol", bate à porta de Dona Guigui (Ana Velloso), ex-amante do contraventor, em busca do "crime bacana" que renda a primeira página.

Ela entrega três versões da mesma história. Sem saber que ele morreu e movida pelo rancor de ter sido abandonada, descreve um bandido cruel e violento, capaz de matar o inofensivo e covarde Leleco para tomar Celeste, menina sonhadora, fiel ao marido.

Ao saber da morte, ela cai em prantos e o contraventor vira amante extraordinário e homem generoso — Celeste agora não é nada fiel, Leleco é viciado em jogo, capaz de vender a própria mulher, e Agenor, o marido que a acolheu quando Boca a "chutou", irritado com os elogios ao rival, faz as malas.

Na terceira versão, com a interferência de Caveirinha, que se sente responsável pela separação, Guigui fala em traição, ciúmes e numa mistura de sentimentos, buscando preservar o casamento — e revela também as inseguranças do bicheiro, de quem a grã-fina Maria Luísa, que o visitava em busca de donativos para os filhos dos cancerosos, fazia um "Deus Asteca".

"A obra mostra-se absolutamente atual ao questionar a própria noção de verdade, cada vez mais sujeita a interpretações, distorções e manipulações de acordo com interesses, convicções e ideologias. Afinal, somos todos criadores e recriadores da realidade quando recordamos e narramos os acontecimentos", observa Sergio Módena, diretor e idealizador da montagem. "Em Boca de Ouro, Nelson Rodrigues nos lembra que a ideia de uma verdade absoluta é uma invenção. Todos nós somos vistos, avaliados e julgados a partir da subjetividade do olhar de quem nos observa."

O autor dessa engenharia de versões tem biografia de personagem. Nelson Falcão Rodrigues nasceu no Recife em 23 de agosto de 1912, filho do jornalista e deputado Mário Rodrigues, e chegou ao Rio de Janeiro em 1916, numa família de treze irmãos. Aos 13 anos, já era repórter policial em "A Manhã", jornal do pai — o convívio com a sarjeta e a notícia apressada atravessaria toda sua obra. De "A Vida Como Ela É", a coluna, aos folhetins assinados como Suzana Flag, e das crônicas esportivas que, desde 1962, transformavam partidas de futebol em batalhas épicas, Nelson dissecou família, moral burguesa e classe média.

Foram dezessete peças, e a consagração veio com "Vestido de Noiva" (1943), montada no Teatro Municipal pelos Comediantes, sob direção de Ziembinski: os três planos de realidade, memória e alucinação iniciaram a modernização do teatro brasileiro. O Anjo Pornográfico, como ficou conhecido, morreu no Rio em 21 de dezembro de 1980, aos 68 anos, deixando um legado literário reconhecido internacionalmente.

Tuca conhece o autor de longa data. Há 33 anos viveu Pedro na montagem comemorativa dos 50 anos de "Vestido de Noiva", com Malu Mader de Alaíde, sob direção de Luiz Arthur Nunes. "Nelson Rodrigues é o grande modernizador do teatro brasileiro no século XX. Foi o primeiro autor brasileiro a subverter a relação de tempo versus espaço nos palcos nacionais e escancarar as relações familiares, dissecando as classes média e pobre do país com uma crueza nunca antes vista", diz o ator, que reencontra Módena no repertório rodriguiano em sua montagem de "A Falecida" entre 2023 e 2025, com Camila Morgado de Zulmira, por sessões lotadas do país. Zulmira e Boca de Ouro são dois anti-heróis suburbanos.

Embora reconheça os traços fortes do universo suburbano, Módena não reproduz a Madureira do fim dos anos 1050: sua proposta cênica é atemporal. Ao lado de Tuca, compõem o elenco Gustavo Wabner, Maria Clara Aquino, Ana Velloso, Jessé Scarpellini, Antonio Gonzalez e Cássia Sanches.

"Para mim, Boca de Ouro é antes de tudo um estudo sobre o que é a 'verdade'. Qual é a 'verdade' que mais nos interessa quando somos personagens daquela história? Qual é a 'verdade' que lemos numa notícia da imprensa? É uma 'verdade' ou só está servindo aos interesses de alguém? Num mundo esfacelado e de pós-verdades me parece uma discussão bastante oportuna", diz Tuca. "Boca de Ouro me parece um personagem extremamente difícil porque o autor não dá ao público dados concretos sobre ele. Você assiste o personagem sendo modificado pelo estímulo emocional de outro personagem, que é quem narra a história, e esse relato toma formas diferentes ao longo da peça. É um texto com muitas armadilhas para qualquer ator", pontua.

SERVIÇO

BOCA DE OURO

Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 22/11, quintas e sextas (20h) e sábados e domingos (18h)
Ingressos: R$ 40, R$ 36 (conveniados), R$ 31 (conveniados empresariais), R$ 28 (sócio Sesc), R$ 20 (meia) e grátis (PCG)

Calçado para **o sucesso**

O animador brasileiro Thiago Calçado reflete sobre a carreira, recheada de grandes sucessos, e revela os bastidores de 'O Bosque Selvagem', que promete fazer bonito na temporada de premiações

Divulgação



O animador Thiago Calçado nos bastidores de 'O Bosque Selvagem', novo hit da Laika que vem forte para a temporada de premiações

PEDRO SOBREIRO

Quando se fala em animações stop-motion, um nome 100% brasileiro se destaca no cenário internacional: Thiago Calçado. Natural de Uberaba, Minas Gerais, Calçado tem uma parceria de longa data com o diretor e CEO do Laika Studios, Travis Knight, com quem animou uma das mais premiadas obras da casa: "Kubo e as Cordas Mágicas" (2016).

Agora, dez anos depois, eles repetem a dobradinha para trazer ao mundo "O Bosque Selvagem", também de Travis Kinght, animação que revolucionou a técnica do stop-motion, já em cartaz nos cinemas brasileiros, com a promessa de brilhar na próxima temporada de premiações.

Inspirado na saga de livros infanto-juvenis homônima, o filme acompanha a jornada da menina Prue McKeel, que vê seu irmãozinho caçula ser sequestrado por uma horda de corvos. Ao lado de Curtis, seu amigo medroso, mas curioso, ela adentra o Bosque Selvagem, uma área estritamente proibida pelos pais, para tentar resgatar o pimpolho. Porém, o que ela encontra por lá é um verdadeiro reino tomado pela tirania de uma viúva mística, que encheu a mata com seu exército de coiotes. Agora, Prue e Curtis tentarão sobreviver a esse ambiente hostil, enquanto tentam salvar o bebê McKeel.

Antes de se detacar na Laika, Thiago trabalhou na primeira animação stop-motion do Brasil, "Minhocas" (2013). Atuou também em fenômenos como "Ilha dos Cachorros" (2018), de Wes Anderson, e no vencedor do Oscar de Melhor Animação, "Pinóquio" (2022), de Guillermo Del Toro.

Em conversa com o Correio da Manhã, Thiago avaliou o atual momento de sua carreira e aconselhou os brasileiros que sonham em virar cineastas a não desistirem. "Acho que, nesta fase da minha carreira, estou colhendo os frutos de mais de 20 anos dedicados à animação, em especial o stop-motion. Ao trabalhar em grandes produções, com grandes diretores, adquiri conhecimento, experiência e muita prática. Eu pratiquei bastante nesses anos todos, quase que diariamente. E hoje consigo contar minhas próprias histórias. E esse é o meu objetivo agora", compartilhou o animador.

Desde que voltou ao Brasil, Calçado tem trabalhado com publicidade e, paralelamente, desenvolve seus projetos autorais. "Meu conselho para quem está começando é que não existe atalho. Você tem que trabalhar. Se você quer ser animador, você tem que animar. Arruma um boneco e sai animando. Se você quer ser escritor, roteirista, você tem que escrever. E se você quer trabalhar com boneco, você tem que fazer boneco. Então, assim, precisa de um portfólio para entrar na nossa indústria, por isso você tem que produzir. O caminho é difícil, mas não é impossível. Tenta sempre dedicar a fazer o melhor que você pode, porque caso não dê certo em algum projeto, pelo menos você vai ter a consciência tranquila de dizer que o melhor foi tentado", sugere. "Eu mesmo levei muitos foras, muitos nãos da própria Laika até conseguir entrar. A ordem é não desistir", argumenta.

A fluidez da animação é o ponto forte de "O Bosque Selvagem". "O segredo neste caso é ter tempo para praticar a cena. A gente não chega na produção e já faz uma cena de primeira. Passamos um tempo considerável estudando o boneco, nos familiarizando, descobrindo aonde ele dobra, qual o tipo de pressão que você tem que colocar na estrutura para conseguir mover ele milimetricamente... E o segundo ponto é ensaiar. Na Laika, a gente chega a fazer três vezes a cena. Em alguns movimentos mais complexos, a gente faz quatro. Primeiro a gente faz as poses-chaves, depois a gente faz um movimento um pouco mais intervalado, a 12 quadros por segundo, e depois a gente vai para os 24 quadros por segundo, que é o número de quadros da cena final. Durante esse processo, em cada etapa, a gente conversa com o diretor, que vai te dando direções claras do que ele quer para a cena, onde pode melhorar, onde pode ser mais rápido, onde pode ser mais lento", revela.

Divulgação



Após animar a Morte, em Pinóquio, Thiago pediu para animar os cavalos de "O Bosque Selvagem", que tinham 300 peças móveis

> *"A gente não chega na produção e já faz uma cena de primeira. Passamos um tempo considerável estudando o boneco, nos familiarizando, descobrindo aonde ele dobra, qual o tipo de pressão que você tem que colocar na estrutura para conseguir mover ele milimetricamente"*
>
> **THIAGO CALÇADO**

Calçado valoriza a parceria com a Laika justamente por deixar que os artistas tomem o tempo necessário em suas produções. "Por mais que a gente tenha um prazo, na Laika, o prazo é um pouco maior do que em outros estúdios. Ou seja, existe pressão, mas de um tipo diferente. Porque se você tem que entregar rápido, a pressão é entregar visando a quantidade. Na Laika é preciso entregar qualidade", explica.

Com o lançamento mundial de "O Bosque Selvagem", críticos de toda parte vêm destacando a excelência do trabalho, alimentando a expectativa de que o tão sonhado Oscar da Laika enfim venha. "Acho que chegou a hora da Laika ganhar. É um baita filme! Direção de arte impecável, ritmo de montagem, fotografia, música, efeitos especiais... Eu arrisco dizer que vai ter quatro indicações e vai levar pelo menos uma delas, que eu acho que leva a de melhor filme de animação. Pode apostar!", prevê.

ENTREVISTA | **OLIVIER PÈRE**

EXECUTIVO DO GRUPO ARTE

'Queremos ajudar as pessoas a compreender melhor o mundo'

FESTIVAL DE CINEMA FRANCÊS DO BRASIL 2026

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação



Assim que o papo sobre os 35 anos do Arte (grafa-se, em geral, ARTE) envereda pela natureza televisiva desse conglomerado de mídia, seu diretor, Olivier Père, faz questão de desentubar sua engenhoca de fabricação de narrativas e livrá-la da caixa (antes cúbica, hoje, cada vez mais retangular) da TV. O futuro da teledramaturgia passa, cada vez mais, pela capacidade de existir fora da própria televisão. É essa a estratégia defendida pelo executivo nascido em Marselha e radicado em Paris, que falou sobre meios de comunicação no 17º Festival de Cinema Francês do Brasil. O grupo franco-alemão que mantém presença na telinha, vem ampliando sua atuação digital, com parcerias em diferentes territórios europeus e uma política de distribuição que inclui plataformas, redes sociais e YouTube. Em conversa com o Correio da Manhã, Père fala sobre a disputa pela atenção das novas gerações, a defesa do cinema de autor e a aproximação do Arte com a produção brasileira.

O Arte nasceu de uma cooperação cultural entre França e Alemanha. Hoje, diante das transformações do audiovisual e da concorrência das plataformas, que televisão vocês pretendem construir?

OLIVIER PÈRE - O Arte continua presente nesses dois países, mas desenvolvemos, nos últimos anos, uma oferta digital muito forte, estabelecendo parcerias com diversas televisões europeias. Já alcançamos cinco ou seis territórios e esperamos chegar a outros nos próximos anos. Nossa vocação é mostrar a cultura como algo que aproxima os povos, algo que temos em comum e que desejamos compartilhar. O Arte oferece cinema, documentários, ficção, reportagens e informação. Queremos ajudar as pessoas a compreender melhor o mundo, sua complexidade e suas ambiguidades, inclusive os desafios políticos, geopolíticos e sociais, sem simplificações e sempre procurando trabalhar com nuances. É uma programação concebida e escolhida por pessoas, por uma equipe que deseja compartilhar conhecimento e despertar curiosidade - uma proposta profundamente humanista.

As novas gerações descobrem filmes e conteúdos audiovisuais pelo Instagram, TikTok, YouTube e outras plataformas. Como uma emissora cultural pode alcançar esse público sem perder identidade?

É por isso que já não pensamos no Arte apenas como um canal de TV. Nosso objetivo é distribuir nossos programas de maneira mais ampla, não apenas em uma tela de televisão, mas também nas plataformas digitais, nas redes sociais e no YouTube, onde temos nosso próprio canal. Sabemos que o público da televisão é hoje formado, em grande parte, por pessoas mais velhas, de 50, 60 ou 70 anos. É mais difícil atrair os jovens para esse meio. Por isso, precisamos estar presentes nos outros suportes de imagem e, algumas vezes, adaptar os programas aos formatos dessas plataformas. É uma maneira de encontrar novas audiências e ampliar nosso público. Também adquirimos direitos para disponibilizar filmes legalmente no YouTube. Assim, podemos apresentar obras de autor, filmes antigos, raros ou muito radicais a uma geração que talvez nunca os procurasse na televisão.

O Brasil vem ganhando espaço nas coproduções internacionais do canal. Como o senhor avalia essa aproximação?

Temos desenvolvido relações muito fortes com produtores e realizadores brasileiros nos últimos anos. Tivemos a oportunidade de apoiar filmes importantes de Kleber Mendonça Filho, como "Bacurau" e "O Agente Secreto", além de "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles. Também estamos envolvidos em novos projetos brasileiros. Assumimos um compromisso com o próximo filme de Maya Da-Rin, "Chanson de nuit", cuja filmagem começa na próxima semana, e com o primeiro longa-metragem de animação de Wesley Rodrigues, "O Reino dos Pássaros". Essa aproximação tem relação com acontecimentos importantes da história política e social brasileira. São cineastas que mantêm uma relação forte com seu país e com o presente. Isso nos interessa.

O Arte também tem uma tradição de apoio ao cinema de autor, inclusive a realizadores que, no começo da carreira, dificilmente encontrariam espaço em outras emissoras. Essa ainda é uma missão central?

Quando o Arte foi criado, tornou-se rapidamente parceiro do cinema de autor. Naquela época, a emissora era pequena e não tinha ambições comerciais. Não precisávamos procurar apenas filmes que tivessem potencial de sucesso. Isso nos permitiu apoiar autores muito jovens ou radicais, que construíram parte de suas trajetórias em colaboração conosco. Bruno Dumont é um exemplo: naquele momento, o Arte era praticamente a única emissora que poderia apoiar um cinema tão radical, porque as outras não se interessavam por esse tipo de trabalho. Participamos do nascimento de grandes cineastas e continuamos atentos tanto aos realizadores consagrados quanto aos que estão começando. Acompanhamos, por exemplo, a geração de Céline Sciamma e hoje procuramos descobrir novas vozes. Damos importância aos primeiros filmes, na França e em outros países.

A parceria com Ryusuke Hamaguchi em "O Sentido da Vida", exibido na Mostra de SP e hoje presente no Festival do Cinema Francês é outro exemplo dessa vocação internacional. Como se deu a parceria com esse artesão autoral japonês?

Conhecemos Hamaguchi como um dos grandes nomes do cinema japonês contemporâneo, especialmente depois de "Drive My Car". Ele teve a ideia de contar uma história sobre duas mulheres, um diálogo filosófico e uma amizade em torno de temas fundamentais, como a vida e a morte. Uma produtora francesa, a Cine France, já vinha trabalhando com a proposta de trazer realizadores japoneses para filmar na França. A empresa havia produzido filmes de outros cineastas japoneses no país e apresentou a possibilidade a Hamaguchi. Ele decidiu desenvolver a história na França. Quando li o roteiro, achei-o muito forte. Havia um risco: um grande realizador poderia sentir-se deslocado trabalhando em outro país e numa língua que não é a sua, sobretudo porque a palavra e o diálogo são muito importantes em seu cinema. Mas essa relação entre Japão e França já estava incorporada à própria história, que aproxima uma mulher francesa e uma japonesa. Foi exibido em Cannes e teve uma recepção muito positiva.

O que o público pode esperar do Arte em 2027? Há novos projetos e iniciativas para os próximos anos?

Já estamos comprometidos com filmes que poderão ser lançados no próximo ano e exibidos em festivais como Berlim, Cannes e Veneza. Acredito que teremos trabalhos extraordinários. Estamos aguardando os novos filmes de Miguel Gomes, Albert Serra, Bertrand Bonello e de vários outros grandes realizadores, além de projetos de cineastas mais jovens que certamente vão surgir. Acho que será um ano muito forte para o cinema da Arte e para o cinema mundial. Nos próximos anos, também vamos preparar o aniversário de 35 anos e desenvolver ainda mais iniciativas para acompanhar os artistas, dialogar com eles e encontrar o público.

Divulgação



Cena do documentário 'Agora Eu Quero Gritar', uma produção anglo-brasileira

Reforço cosmopolita **para Macunaíma**

Cineclube da ABI, reaberto em julho, renova sua vocação crítica por vias geopolíticas ao exibir, nesta quarta-feira, 'Agora Eu Quero Gritar', longa documental de Cahal McLaughlin e Siobhán Wills

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

A exibição de "Agora Eu Quero Gritar" ("Right Now I Want to Scream"), documentário anglo-brasileiro dirigido por Cahal McLaughlin e Siobhán Wills, nesta quarta (4 de novembro), às 17h, reafirma a vocação histórica do Cineclube Macunaíma como espaço de reflexão política, debate público e defesa dos direitos humanos. O filme, que investiga a militarização da segurança pública e a violência de Estado nas favelas do Rio, dá voz a mães de vítimas da violência policial, moradores de comunidades e especialistas.

Depois da sessão, gratuita, na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), haverá debate com os realizadores, a jornalista Iara Cruz, diretora de Cultura e Lazer da entidade, e o advogado Aderson Bussinger, diretor do Centro de Documentação e Pesquisa e integrante da Comissão de Direitos Humanos da OAB-RJ. Ao abordar as consequências da chamada guerra às drogas e a influência da experiência brasileira na missão militar da ONU no Haiti sobre estratégias de segurança adotadas posteriormente no país, a projeção recoloca em circulação uma discussão que atravessa a história do cineclube: a relação entre imagem, cidadania e resistência.

Batizado em homenagem ao herói criado por Mário de Andrade, o Macunaíma fez História entre 1973 e 1987, quando se tornou um dos polos mais expressivos da cinefilia carioca.

Criado por iniciativa do jornalista Maurício Azedo, ao lado de Fichel Davit Chargel, Luiz Paulo Machado, Ancelmo Gois, Elane Maciel e Jalusa Barcelos, o espaço nasceu dentro da ABI em plena ditadura militar, oferecendo à cidade uma programação que combinava descobertas cinematográficas, pré-estreias brasileiras e hispano-americanas, debates com críticos e discussão política.

Não era apenas uma sala de exibição: ali se articulavam poesia, jornalismo, pensamento crítico e compromisso democrático, num período em que a liberdade de expressão exigia espaços de encontro e resistência. Depois de encerrar suas atividades em 1987, o Macunaíma voltou a se movimentar durante a pandemia, em formato online, com a participação do documentarista Silvio Tendler e do crítico Ricardo Cota.

Em 2023, sob o empenho de Maria Luiza Franco Busse, celebrou seus 50 anos com uma sessão de "Azyllo Muito Louco" (1970), de Nelson Pereira dos Santos, no Estação Botafogo, em homenagem aos pioneiros do projeto.

Reaberto em 24 de julho deste ano, no auditório da ABI, o Cineclube Macunaíma retoma sua presença física e amplia o diálogo com a produção audiovisual brasileira, em sintonia com o trabalho da diretoria de Cultura da associação, conduzida por Iara Cruz. A escolha de "Agora Eu Quero Gritar" é especialmente eloquente: ao colocar no centro da tela as histórias de famílias atingidas pela violência policial, o cineclube recupera a dimensão pública que marcou sua origem e demonstra que sua memória não se limita à celebração de um passado cinéfilo. A programação atual prolonga aquele legado ao oferecer às novas gerações e aos antigos associados um lugar de encontro entre cinema e sociedade. Mais do que uma sessão temática, a exibição ressalta a verve histórica de um evento carioca que nasceu para fazer da cinefilia uma forma de participação cultural e que volta a ocupar seu espaço na vida da cidade.

CORREIO CULTURAL

Divulgação



Pedra do Sal, um dos locais que terá eventos da programação

O mês de Zumbi na Pequena África

As organizações culturais da Pequena África, contempladas em edital do consórcio Viva Pequena África, apresentaram a agenda oficial do Novembro Negro na região portuária do Rio de Janeiro. O conjunto de atividades visa promover reflexões antirracistas e celebrar a ancestralidade negra ao longo do mês. A programação reúne oficinas de percussão, samba, dança afro, tranças, escrita e capeira. As ações ocupam ruas, palcos e espaços culturais com circuitos guiados, cortejos tradicionais, rodas de samba, feiras de economia criativa, sessões de cinema, apresentações de teatro, lançamentos literários e ensaios abertos de Dança Urbana Negra. A agenda inclui ainda a III Conferência Global de Afroturismo e Sustentabilidade. Programação completa em https://l1nq.com/a30n1ad.

Arte brasileira em Veneza

A Ava Galleria promove a exposição "Il Ponte tra l'Arte Finlandese e Brasiliana Contemporanea", em cartaz até domingo (7), no Palazzo Albrizzi-Capello, localizado em Veneza (Itália). Com curadoria de Edson Cardoso, a mostra acontece em paralelo à tradicional Bienal de Veneza e reúne diversos trabalhos de artes plásticas e fotografia de artistas brasileiros e finlandeses como Adriano Disc, Carolina YBD, Hanne Gracie Hansel, Helenita Teixeira, Pedro Prandini, Renata Borgerth, Renata Fér, Salete Venzon e Vanessa Del Bel.

Parceria 'arretada'

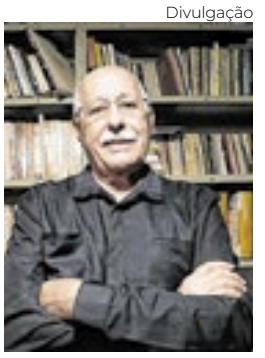
A Believe e a D&E Music anunciam uma parceria que une duas trajetórias de peso na música: de um lado, duas décadas da Believe impulsionando artistas e selos em mais de 50 países; do outro, quase três décadas da D&E à frente de shows, eventos e carreiras no Nordeste.

Parceria 'arretada' II

Com o acordo, a empresa cearense expande sua atuação para o segmeneto da música digital, somando sua experiência nos palcos e no mercado regional à expertise da companhia francesa em distribuição, marketing, tecnologia e desenvolvimento de talentos.

Vem aí mais uma Primavera dos livros

Divulgação



A 25ª Primavera dos Livros acontece de 6 a 8 de novembro de 2026 no Museu de Arte do Rio, com entrada gratuita. O festival reúne mais de 60 editoras independentes, debates, oficinas e homenagens aos 90 anos recém-completados pelo autor mineiro Silviano Santiago (foto), um dos maiores nomes da nossa literatura contemporânea.

Carol Pires/Divulgação



Alibe Bernardi em cena no espetáculo 'Equina', que retornar aos palcos cariocas

Aquilo que as **éguas sabem**

'Equina', espetáculo de dança idealizado por Aline Bernardi e Dani Lima, investiga alianças entre humanos e não-humanos

Um cavalo não precisa ser domado para virar parceiro — é essa aposta que sustenta "Equina", espetáculo de dança criado pelas artistas-pesquisadoras Aline Bernardi e Dani Lima, que volta em cartaz de domingo (7) no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto. A obra propõe uma fabulação em torno das relações colaborativas entre humanos e não-humanos: que alianças podem ser cultivadas entre as espécies? É possível criar amizade e parentesco com cavalos e éguas? A narrativa afetuosa busca pensar políticas de cuidado e a manutenção da vida a partir dessas relações interespécies.

A criação é desdobramento da pesquisa de doutorado de Aline, que também está em cena, no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UFRJ. "A aposta desta obra é investigar de forma fabulatória como as ecologias relacionais e as alianças interespécies podem propor modos de reparação micropolítica em um mundo danificado", explica a bailarina e pesquisadora. "A criação é um desdobramento da minha pesquisa de doutorado, que fabula memórias da relação de amizade e parentesco que tenho com cavalos e éguas", completa.

> *"Queremos questionar o uso exploratório e extrativista dos cavalos e das éguas, assim como de outras espécies, no processo de civilização humana"*
>
> **ALINE BERNARDI**

As raízes da pesquisa remontam à infância de Aline, que morou na zona rural do oeste paulista e conviveu de perto com os cavalos de uma fazenda onde seu pai trabalhava. Desse arquivo pessoal, o espetáculo dialoga com as pesquisadoras Donna Haraway, Vinciane Despret e Anna Tsing e articula as três dimensões da ecologia definidas pelo filósofo e psicanalista Félix Guattari — a das subjetividades, a social e a ambiental — para especular sobre o papel das alianças interespécies na regeneração da vida. A obra investiga ainda as noções de convivência e as fabulações de simpoiese — o ficar-com, o viver-com — a partir dos gestos de observar, sintonizar, cuidar e cultivar conexões.

E os cavalos são presença na obra. Participam da criação os cavalos Pedro, Apolo e Bolinha (in memoriam) e a égua Lua. "Fazemos um convite para praticarmos parentesco e amizade com outras espécies. Queremos questionar o uso exploratório e extrativista dos cavalos e das éguas, assim como de outras espécies, no processo de civilização humana, que levam às consequências da crise socioambiental que a gente está vivendo. O que me interessa é convocar nossa espécie a cultivar imaginários de interdependência e conexões colaborativas com as outras espécies e com tudo que está vivo em nosso planeta", observa Aline, que também dialoga com as cosmovisões indígenas — as alianças afetivas com outras espécies, conceito de Ailton Krenak.

SERVIÇO

EQUINA

espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Visconde de Silva, s/nº, ao lado do nº 292, Humaitá)

De 7 a 29/11, sábados (19h) e domingos (18h)

Ingressos: R$ 60 e R$ 30 (meia-entrada)

Uma canção **para Clarice**

Chiara Civello e o produtor Clap! Clap! lançam o álbum de estreia do duo CCCC, com faixa inspirada na escritora brasileira

AFFONSO NUNES

Divulgação



Chiara Civello uniu-se ao produtor Clap Clap! em duo que une o jazz a ritmos eletrônicos

O álbum de estreia do duo CCCC, formado pela cantora e compositora italiana Chiara Civello e pelo produtor eletrônico Clap! Clap!, chegou às plataformas de streaming pelo selo Quarter Moon Records. E entre as dez faixas do disco, uma carrega uma história que une a música eletrônica contemporânea à literatura brasileira: "Clarice My Dear" nasceu como uma carta pessoal endereçada à escritora Clarice Lispector.

O projeto reúne dois mundos que pareciam distantes. Civello é cantora, compositora e multi-instrumentista romana que, aos 18 anos, ganhou bolsa para estudar no Berklee College of Music, em Boston, e depois se mudou para Nova York, onde teve a orientação do produtor Russ Titelman. Estreou em disco pela Verve em 2005 e acumula parcerias com Gilberto Gil, Chico Buarque, Ana Carolina e Esperanza Spalding. Clap! Clap! é o produtor Cristiano Crisci, conhecido pelo trabalho na eletrônica. No álbum, a voz de Civello encontra as batidas exploratórias de Crisci em uma paisagem sonora que atravessa o house em câmera lenta, o broken beat, o R&B, o jazz e a canção acústica, traçando linhas entre África, Sicília, Brasil e Américas.

A composição de "Clarice My Dear" começou, segundo a artista, como um pedido de socorro no papel. "Para mim, 'Clarice My Dear' começou como uma carta, quase um pedido de ajuda. Eu me sentia atraída pela habilidade de Clarice de entrar nos cantos mais assustadores do ser humano e encontrar algo vivo ali. Escrever para ela me ajudou a abordar minhas próprias contradições com curiosidade. No final, cantou 'I'm in love with the abyss I am made of' ('Estou apaixonada pelo abismo de que sou feita'), abraçando as minhas próprias contradições", conta Chiara Civello.

A curiosidade literária não se limita à faixa dedicada à autora de "A Hora da Estrela". O álbum é um mosaico de referências poéticas e filosóficas. Em "Tudo Passa", a canção entrelaça quatro versos da poeta estadunidense Emily Dickinson sobre a possibilidade da eternidade ao lado de quem se ama com o mantra em português "tudo passa", colocando em coexistência o desejo de algo eterno e a aceitação da efemeridade.

Já "The Way Out Is The Way In" é inspirada pelos livros do mestre zen-budista Thich Nhat Hanh emprestados a Chiara pela própria mãe. A faixa usa a respiração e a atenção plena como caminho de volta para dentro de si, no meio do caos.

O disco ainda traz a participação do percussionista brasileiro Mauro Refosco em "A Jurnata", faixa com letra em siciliano coescrita por Mattea Musso, além das contribuições de Dario Bassolino e Stefano Costanzo. O repertório percorre temas densos e reflexivos — espiritualidade, transformação, isolamento e cura — imersos em batidas dançantes e orgânicas, com violão, piano napolitano e os beats de Clap! Clap!.

Para Civello, o encontro entre pista de dança e literatura existencial é o próprio território do projeto: o peso da palavra convivendo com a leveza do ritmo. O álbum "CCCC" e o single "Clarice My Dear" estão disponíveis em todas as plataformas de streaming digitais, e os clipes de "Clarice My Dear" e "New Dimension" podem ser assistidos no YouTube.

UNIVERSO SINGLE

POR **AFFONSO NUNES**

Fabio Audi/Divulgação



Claudette não pára

Aos 91 anos, Claudette Soares lança "Bem Feliz", composição dançante de Zé Manoel e Ronaldo Bastos que anuncia o primeiro álbum de inéditas, "O Mundo É Ruim pra Quem Não Sabe Esperar", previsto para novembro. Produzido por Marcus Preto e Thiago Rabello, o disco reúne veteranos e jovens compositores em um manifesto por uma vida plena em qualquer idade. O single celebra oito décadas de atuação, começadas aos 10 anos, no rádio. "Bem Feliz" já pode ser ouvida nas plataformas digitais.

Divulgação



Cantando a Bahia

Com mais de 40 anos dedicados à música negra brasileira e à luta antirracista, Lazzo Matumbi lança, nas plataformas digitais, "Matumbi", primeiro single do álbum e audiovisual "Matumbi Canta a Bahia", previsto para este mês. Em parceria com Manno Góes, que assina a produção, a faixa reafirma a presença viva da África na Bahia. O show do projeto foi gravado em julho na Concha Acústica do Teatro Castro Alves, em Salvador, com BaianaSystem, BNegão, Rachel Reis, Ravi Lobo e o Coro MultiVox.

Divulgação



Dueto com Jeneci

A goiana Sarah Abdala lança a faixa "Do Teu Olhar", em dueto com Marcelo Jeneci, que empresta sanfona e voz à composição dela sobre o amor e as transformações que acontecem pelo olhar do outro. A canção integra o projeto audiovisual e o próximo álbum da artista, "Ainda Vou Fazer Uma Canção de Amor", e dá sequência aos singles "Silêncio", "Ar", "Hora de Voltar" e "Frenesi Cotidiano". Na produção, bateria de Marcelo Callado e synths da mexicana Marian Ruzzi. "Esse convite é repleto de amor", resume Jeneci.

vem viver +diversão

Alegria boa é aquela que se compartilha. Aqui é assim e, por isso, oferecemos programações de recreação e lazer para todas as idades durante o ano inteiro. No Sesc RJ, tem arraiá, parque aquático, colônia de férias e diversos eventos para você curtir, conviver e aproveitar. Diversão aqui é levada a sério. **Vem viver o Sesc RJ.**



Baixe o app **+Sesc RJ** e saiba mais.

Sesc | 80 ANOS

A maior marca de bem-estar social do RJ.